



A FLORESTA ENTRE EDIFICAÇÕES E RELIGIOSIDADE*

The rainforest among edifications and religiosity

Marcos Montysuma¹

Resumo:

Neste texto discutimos aspectos da religiosidade popular, no modo como é praticado por seringueiros da região de Xapuri, no Acre. A cultura local, na relação com a floresta, seja no trabalho extrativista ou visando suprir a família de proteína animal é amparada, intermediada por divindades, do perfil do *Caboclinho da Mata* (Pai da Mata) que habitam o ecossistema, no qual interagem. A pesquisa foi executada tomando como referência a metodologia da história oral, através da qual efetuamos gravações com aqueles participantes.

Palavras-chave: Floresta; Religiosidade; Seringal; História Oral; Memória.

Abstract:

This article aims to discuss aspects of religion as popular culture as it is practiced by rubber tappers in the region around the city of Xapuri, in the State of Acre, Brasil. These communities have a close relationship with the forest, that provides rubber tapping as part of the local economy as well as animal protein to families. This relationship is supported and intermediated by deities, such as *Caboclinho da Mata (the Father of the Forest)*, that are part of the ecosystem in which these groups interact. The research was performed following methodological procedures of Oral History, collecting the data through the recording of interviews with members of those communities.

Key-words: Forest; Religiosity; *Seringal*; Oral History; Memory;

Neste artigo discutimos as interações dos sujeitos nas florestas do Acre, em que recorrem às intermediações entre recursos vegetais e animais, seres visíveis, invisíveis, divindades. Em suas religiosidades dão sentido à uma miríade de elementos significados socialmente, visando solucionar os problemas ordinários, pelos quais passam no cotidiano.

* Este é tema que aqui abordo, agora revisado, foi originalmente discutido na minha tese de doutorado: *Senhores das matas: experiências extrativistas na RESEX Chico Mendes – Xapuri (1983/2002)*, defendida na PUC-SP em 2003 e orientada pela Profª. Dra. Maria Antonieta Martinez Antonacci.

¹ Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor associado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua no Programa de Pós-Graduação em História e no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas.



A partir da perspectiva acima aponto para meu leitor que discuto as interações dos sujeitos no espaço dentro do que se convencionou chamar história ambiental. Logo é compreensível que “as ações humanas realizadas no passado alteraram todo o conjunto do ecossistema do mundo, a tal ponto que se torna possível afirmar que o ambiente natural que habitamos é substancialmente uma criação do homem” (LEACH, 1985, p. 79). Mesmo ocorrendo o entendimento da limitada participação humana na transformação dos ambientes, particularmente nos períodos mais remotos, onde os grupos humanos eram menores que hoje em proporção ao espaço alterado, prevalece o entendimento de edificação derivado de sua intenção de proporcionar o sustento da família, do grupo social.

Essa ação pode ser compreendida em áreas restritas dentro de uma região. Mas, particularmente na Amazônia brasileira, tomando como referência estudos do tipo de vegetação em cuja composição dos ecossistemas, que conhecemos hoje, prevalecem castanhas, seringais, palmeirais e tabocais, é possível perceber que as florestas de terra firme são antropogênicas.

Quando Leonardo Boff discute uma *originalidade* do ser humano remete aos ensinamentos que podem ser percebidos através das culturas indígenas. Aborda o assunto criticando o entendimento equivocado que se constituiu a respeito da Amazônia, tomada como terra intocada e desabitada pelo ser humano. Muito pelo contrário, diz tratar-se de um território ocupado por uma variedade considerável de etnias, já há milhares de anos, que passa por um processo significativo de trabalho humano, cuja “intervenção se fez [para] potencializar a natureza e superar as limitações daqueles ecossistemas que possuem as terras mais jovens e mais velhas do mundo (...) caracterizadas pela acidez e pobreza química de seu solo (75% de seu território)” (BOFF, 1999, p. 192).

Esse fragmento de Boff corrobora com entendimentos já divulgados, que apregoam o papel ativo dos povos indígenas [sincronizados ou não conosco] como edificadores daqueles ambientes, que mesmo na invisibilidade proporcionada pela sombra das florestas atuam, inclusive, na fertilização dos solos que as sustentam. Aborda a existência das florestas antropogênicas, conforme entendem os pesquisadores das áreas afins, em cujo trabalho de campo vão encontrando os componentes do grande quebra-cabeça, que aponta a construção das florestas pela mão humana.



Laure Emperaire e Danielle Mitja, ao estudarem a castanha-da-Amazônia, baseadas em vários autores apontam que “elas são (...) protegidas e/ou multiplicadas pelo homem sem que haja, porém, transformação do seu ecossistema (...) essa árvore revela-se também um marcador de território” (EMPERAIRE; MITJA, 2000, p. 110). O homem ao qual se referem diz respeito às várias nações indígenas que interagem na região há milênios, que através do entendimento do espaço, promovem as devidas modificações sob a perspectiva cultural de cada povo.

Morán indica que as “florestas de terra firme (da Amazônia) são os ecossistemas terrestres mais ricos em diversidade de espécies na biosfera” (MORÁN, 1990, p. 193). É dentro destes marcos que compreendemos os sujeitos dos quais falamos aqui. Por isso entendemos a postura de seringueiros renomeando e ressignificando situações como uma incorporação seletiva visando bem adaptar-se na floresta, que ocorre através de “um elevado grau de faculdade natural de resistirem à mudança, adaptando ou assimilando, nas novidades, aquilo que lhes interessa, e desprezando todo o resto” conforme entendido por Hoggart (1973, p. 40). Essa dinâmica da incorporação seletiva foi retomada por Raymond Williams (1979) na perspectiva de enfatizar historicamente relações sociais e culturais, onde incorporação seletiva remete ao contínuo ressignificar de tradições, historicamente vivenciadas, de tradições inventadas e experiências.

Os extrativistas tomam como essencial para suas vidas a manutenção da floresta em pleno funcionamento, logo concorrem para o entendimento em que “o modo como agimos sobre o nosso meio ambiente depende, entre outras coisas, de modo como o apreendemos e da forma como se representa em nós a sua organização (LEACH, 1985, p. 13), e por isso edificaram culturas em que a floresta é condição essencial para existirem como sujeitos.

Ao se mobilizarem na defesa de uma cultura da floresta, se envolveram na luta contra latifundiários e empresas madeireiras, que tudo fizeram/fazem para destruir as matas, plantar pastagem, criar gado. Para Indígenas e seringueiros a floresta é importante essencialmente porque é nesses espaços que retiram bioenergia de vegetais e animais para viverem. É sob e através da sombra das florestas, que os extrativistas convivem com divindades como o *caboclinho da mata*. Mas as pessoas temem e correm de seres como o *mapinguari*, por sua alta capacidade destruidora. Mas nem isso os afasta da lida diária.



Porque ainda que perigosos, são tomados como constitutivos das matas, integrantes daquele ambiente. Sem eles a floresta não teria sentido. Pois funcionam como protetores contra ações predatórias. De acordo com as circunstâncias, naquelas culturas das matas cada ser tem seu papel. Cada um pode representar perigo, mas também pode ser tomado como aliado, nos momentos de dificuldades. A incerteza para suprir a família de proteína animal, através do azar para caçar toma forma na *panema*, que pode ser afastada através de uma limpeza do corpo.

Vejamos o relato apontado pelo ex-seringueiro Adriano Maciel quando fala do *mapinguari* representando-o como um ser que habita a floresta

“(...) O mapinguari... O formato dele é de uma pessoa virada de índio que incascou... Os olhos. Só tem o buraco dos olhos e do imbigio. O meu conhecido o Chico Olegário... Ele quando escutou...

Ele já tinha sido informado pelo fiscal que se ele gritasse longe ele tava perto; se ele gritasse perto tava longe. Quer dizer: pelo mateiro... Pelo mateiro que tava abrindo as estradas! E quando ele começou a gritar e ele ficou esperando com a espingarda muito boa. Ele se atrepou numa envirera e quando deu fé lá vem ele... Ai quando ele gritou abriu no imbigio uma roda vermelha... Ele foi atirou PATOUF! Aí ele morreu, ficou lá mesmo. Aí ele ficou ali atrepado esperando que viesse outro, já que só anda de dois. Como num veio ele saiu correndo e foi embora. Depois... Depois quando ele foi pra banda de lá - que ele ficou cum medo de andar pra lá. Né? Passou muito tempo sem andar. Ai depois foi. Ai tava só o casco duro! Aquilo era virado de índio velho! Duro, duro o casco, que nem bala rompe!

Você só pode matar o Mapinguarí se atirar bem no olho ou no imbigio. Ele é virado de índio depois de muito velho, que a aldeia não quer mais ele lá dentro, ou eles procura matá ele - de qualquer maneira tem que eliminá ele - ou então ele foge, porque ai ele vira outra coisa, vira o Mapinguarí e aí pode voltar lá e cumê eles, por isso eles tem que matá o índio velho. Depois de velho que ele vira Mapinguari ele vem e come os índios da aldeia”.²

Narrando suas experiências na floresta Adriano nos conta o que se passou com seu amigo Chico Olegário. Ele reconhecendo as informações prestadas pelo mateiro “que se ele gritasse longe, ele tava perto; se ele gritasse perto, tava longe”, logo identificou pelo grito que se tratava de um mapinguari. Que é descrito como sendo originado de um ín-

² Sr. Adriano Maciel, 63 anos, pai de quatro filhos. Comerciante e morador na cidade de Xapuri.



dio velho, que se transformou em tal criatura. Dentro desse entendimento assumir a forma de mapinguari é o destino de “índio velho”, expulso de sua aldeia. Quando assume aquela forma embrenha-se na floresta, onde estabelece moradia, mas pode voltar para tentar comer os indígenas, de cuja aldeia fora um dia integrante.

Por seu relato o amigo matou o animal dando um tiro certo no umbigo, que se abriu em forma de flor vermelha, no exato instante em que dá seu grito característico. Seu grito é um sinal para mulheres e homens seringueiros quando estão na mata, se está longe se ouve como perto e vice-versa. Mas representa, acima de tudo, um sinal de perigo se o escutam bem distante, baixo, pois é sinal que já se encontra nas imediações da vítima. Nessas situações a primeira solução é subir numa árvore e ficar bem quieto para não ser percebido, daí procurar atirar para acertar o umbigo na hora em que abrir. Esse é o único modo de eliminar o mapinguari.

Dona Carmem³ que é antiga trabalhadora na extração do látex, já aposentada, e na época em que gravamos a entrevista morava na cidade de Xauri, prestou um relato emocionado por lembrar de uma situação pela qual passou com sua irmã mais nova. Em diversas oportunidades interrompeu o que estava falando por não conseguir conter o choro – tamanha era a emoção ao relatar sua experiência na mata, na oportunidade em que encontraram o mapinguari. Ainda que eu tenha sugerido interromper a gravação ela não aceitou e disse “que é muito forte isso dentro de mim (...) mas preciso falar disso que guardo há muitos anos, pra ver se durmo tranquila daqui pra frente”. Narra assim sua experiência

Certa feita eu sai com minha irmã, mais nova para cortar seringa. Já era na hora de colher o leite. Nós descuidamos e nos perdemos na mata, pois a estrada era muito ruim, não era bem limpa - porque a colocação tinha passado um tempo sem ser habitada por ninguém. Já perdidas, nós ouvimos um grito bem perto! Minha irmã, assim muito tola, não entendia muito, se convenceu que eram os homens que tinham saído pra nos procurar. Nisso ela começou a responder também aos gritos. Eu que era mais velha e já conhecia as histórias do mapinguari sabia como ele fazia pra pegar gente. E peguei e falei pra minha irmã que ficasse quieta, que aquilo era coisa de mapinguari. Mas ela insistiu em procurar para ver o

³ Carmelita Veloso da Costa, 79 anos, viúva, mãe de cinco filhos. Aposentada e dona de uma pensão na Cidade de Xapuri.



que era. Nessa hora me deu um desespero e fui severa com ela, e falei mesmo sério, aos prantos pra gente ficar bem quieta, pra não morrer nas garras do mapinguri... e o grito sempre no mesmo tom foi ouvido bem forte, como se estivesse perto e não se repetiu mais. Eu acredito que era o mapinguari. E escapamos porque não se mexemos mais até desaparecer completamente qualquer sinal dele. Ai dormimos no mato, ali aconchegadinha uma na outra. No outro dia procuramos o caminho de volta, que tava bem pertinho e retornamos para casa. Mas o desespero, o sofrimento foi muito grande!

Dona Carmem relata sua experiência, onde mostra uma situação em que sobreviveu junto com sua irmã ao mapinguari. Nos mostra que conhecer as histórias que relatavam o comportamento do animal ajudaram a dar outro desfecho, previsível se continuasse se comportando de modo ingênuo como sua irmã, que procurava atrair o animal, pensando tratar-se dos homens que viriam em socorro delas. Agiu com autoridade, mas ao mesmo tempo com desespero, chorando e convenceu a irmã que o que ouviam na realidade era o ser mais temido pelos seringueiros, pois naquelas circunstâncias estavam fragilizadas perante ele. Sendo assim não obteriam êxito, pois estavam no chão, já escuro - posto que na floresta a noite baixa mais cedo - e sem armas para atirar como deve ser feito. Podemos interpretar que aqui a *experiência* de dona Carmem, por conhecer histórias de mapinguari e quais posturas deveria adotar, foi essencial para orientar-lhe no modo de agir apropriado. Aqui a voz da autoridade e da experiência, sem sobra de dúvida se fez presente na sua atitude. A seguir ou deixar-se ser tomada pelas atitudes da irmã inexperiente quanto ao modo de proceder, para enfrentar aquela adversidade, de certo resultaria num desfecho trágico.

Os riscos contidos no seringal afastaram muita gente para a cidade, conforme percebemos na narração de Adriano Maciel, descrevendo de forma humorada sua trajetória até a cidade de Xapuri, onde fixou residência tornando-se comerciante. Vejamos como lidou com as onças em sua rotina:

Meu caso era o seguinte: minha mãe botava a gente pra cortar seringa, eu tinha muito medo de onça, ai eu num suportei, passei um bocado de... Uns cinco anos cortando mas cum muito medo. Andava sempre cum uns cachorro me fazendo companhia, um dia a onça pegou os dois cachorros [Muitos risos!] Eu deixei a estrada, ai depois desse dia meu



plano era de sair, até que findei fugindo de casa pra trabalhar na embarcação. Eu vim para o vinte de janeiro, pro festejo e daí num voltei mais, o festejo de São Sebastião e num voltei mais. Só depois cum uns tempo.⁴

O fragmento acima aponta o senhor Adriano descrevendo seu medo das onças. Ainda que andasse com cães não escapou de perder dois animais, atacados pela onça. Isso o teria traumatizado de tal modo, que temendo por sua vida, literalmente assume que fugiu para a cidade de Xapuri, a pretexto de participar das festas São Sebastião, em 20 de janeiro. Dali nunca mais saiu.

Independente dos temores aos animais ferozes, se na floresta o perigo espreita a vida, nela há o meio para solucionar, como relata Luiz Targino

Tinha algumas pessoas que tinha experiência. Diz o povo – eu nunca vi – mas diz que tinha. Vi muita gente contar... os veteranos que diz: que tinha seringueiro, que tinha, que negociava com a Mãe da Mata. Mas isso era homem que tinha coragem mesmo. Diz que ele se encontrava com o Caboclinho da Mata, a Mãe da Seringueira e fazia, fazia negócio com ela pra levar - ou não sei se é mentira ou se é verdade! - que levava fumo pro caboclinho fumar e não sei o que... Pra matar caça era a mesma coisa: diz que tinha seringueiro que comprava tabaco e levava pra deixar lá no pé da seringueira, pro caboclinho vir buscar. E quando é no outro dia que ele chegava lá não ta mais no lugar mesmo. Vi muita gente dizer isso.

Tinha gente que tinha ciência pra matar caça. Agora eu nunca usei isso e também nunca vi nada graças a deus! Eu não tinha ciência com nada. A minha ciência era cortar a estrada grande e cortar de noite, que de noite, na frieza da noite a seringa escorria mais, dava mais leite e nisso eu vivia.⁵

O relato de Luiz Targino é claro e ao mesmo tempo rico ao mostrar que os sujeitos tentam de tudo para melhorar a produção de borracha, ou melhorar a mira para matar caça. Atribui sempre a terceiros através de expressões como “tem algumas pessoas” ou “tinha gente” que apelava aos *seres da floresta*, como forma de conseguir melhorar a extração do látex, ou para matar caças. Em tais situações recorriam e recorrem, ainda nos dias atuais, ao *Caboclinho da Mata*, a *Mãe da Mata* e a *Mãe da Seringueira*.

⁴ Adriano Maciel. Depoimento citado.

⁵ Luis Targino, seringueiro aposentado. Residente na atualidade em Xapuri.



Um aspecto que chama atenção no depoimento do Targino é que percebemos, através das designações atribuídas, que não lidamos com a ocorrência de um reconhecimento da existência do *Caboclinho da Mata*, apenas como divindade das florestas na Amazônia, conforme indicam tantas histórias relatadas em sua referência. Lidamos com a multiplicidade de suas formas indicadas através dos vários nomes que recebe, porque se numa situação ele é apresentado como o *guardião da floresta*, ocorre que através das demais nomeações o *Caboclinho*, além de *protetor* vem constituído na *Mãe da mata*, logo mãe de todos os seres que compõem o universo das matas. Não importando as designações de gênero fica claro o papel desempenhado pela divindade, que atua para melhorar a vida das pessoas.

Mas chama atenção o modo como Targino se remete às histórias, em que aos outros sujeitos, como sendo aqueles que praticam essa relação com a divindade das matas. E nunca ele se envolvera em tais práticas. Quanto a ele, se pronuncia como sendo voltado não para uma “ciência” ou “experiência” em lidar com esses seres, como fazem os demais sujeitos, os *veteranos*. Mas atribui a tudo que conquistara como sendo fruto de seu árduo trabalho, que inicia ainda no escuro, de madrugada, que segundo interpreta, a seringueira “dava mais leite”, porque a temperatura ambiente está mais baixa, como diz “mais frio”.

Na minha visão destacam-se dois conceitos basilares, em seu relato. Eles orientam suas interpretações relativas àqueles sujeitos, que buscam solução para a baixa produtividade na extração do látex e na caça. Esses conceitos são *ciência* e *experiência*.

Creio mesmo que atuar na e com a floresta implica em saber conhece-la, decodifica-la, interpreta-la. Implica em saber conversar e ouvir com e através dela, para extrair o máximo de seus recursos. Essa postura nos indica que os sujeitos, naquele contexto são constituídos e constituintes nas e por posturas éticas edificadas naquela cultura exercitada no lugar - a cultura local. É a cultura local que orienta a ação do sujeito na relação com e no espaço, no trato com todos os seres materiais e imateriais. Mas o discurso do Luiz Targino também nos sinaliza que a postura dos sujeitos está regida pela lei do menor esforço, quando apelarem para uma divindade que lhes facilite melhorar colheita ou acertar a caça. E nisso implica entender que lidar com a floresta é uma *ciência*, uma ciência conhecida e administrada por poucos, pelos mais *experientes*, pelos *veteranos*. São eles que conhecem os atalhos inscritos na floresta, e por tanto aqueles que sabem como se



relacionar com as divindades que lhes decifram determinados códigos. Logo apresenta-se uma perspectiva, que aponta um trajeto a ser percorrido para obter os recursos, que só pode ser guiado, intermediado através das divindades que coabitam aqueles espaços.

Quando os homens estão com dificuldades para matar caças. Temos nesses casos uma situação interpretada pelos seringueiros como *panema* – que significa um tipo de azar que ocorre em relação aos elementos da floresta. Embora ele não designe por *panema*, é disso que trata. O relato de Targino nos mostra que se constitui uma relação entre a pessoa e a divindade, que toma forma através da oferta de um pedaço de fumo de rolo. Este é colocado junto ao tronco da seringueira. Funciona como uma forma de pagamento adiantado, para um pedido, uma promessa que o sujeito faz, visando facilitar sua relação com seres tangíveis da floresta – leite da seringa e caça. O pagamento da promessa pode também acontecer após a pessoa ver atendido seu desejo. Na realidade temos que é selado um compromisso, no qual o sujeito se obriga a pagar ao Cabloquinho da Mata um pouco de tabaco, para que tenha sucesso nas suas investidas na floresta.

Ocorre ainda o entendimento de tratar-se de um *Pai da Mata*, segundo nos acrescenta Raimundo de Barros. Ele diz

As caças têm o chefe dela: o caboclinho da mata. E ele, ele é sozinho para cuidar de todos os animais. Então isso não é bom, porque ele não tem oportunidade de encontrar (todas) pra tratar e a caça morre. Morre ferida sem ser consumida. E isso é muito prejudicial, tanto mais como para a própria floresta, pros animais como para a própria pessoa que atira. E o caboclinho não fica satisfeito com isso. O pai da mata não fica satisfeito com isso. Já aconteceu de pessoas que se comportaram dessa forma, caçadores, seringueiros, que se comportaram dessa forma, já terem levado inclusive surra do caboclinho... Eu não conheci ninguém, eu só vi comentários de amigos meus, que contavam, que em determinado seringal o caboclinho da mata veio de madrugada na casa do camarada, pegou o camarada e deu uma surra nele que ele ficou muitos dias, todo banido de peia, pegou febre e o diacho a quatro... por tá atirado nas caças, só atirando, não teve o cuidado de atirar direitinho pra matar o bicho. Porque a gente tem que ter cuidado... Descobriu o veado a gente tem que atirar direitinho pra matar, pra não fazer ele sofrer... eles têm que a partir dali, que levou uma peia dessa, ele não vai deixar de caçar, porque ele a princípio já é uma pessoa ali de dentro da floresta, que se alimenta com carne de caça... mas a partir dali ele tá avisado que



não pode mais continuar se descuidando de atirar nos bichos pra ir embora, pra morrer ferido, ele tem que atirar pra matar e aproveitar o animal. Ele fica esclarecido, ele fica comprometido a isso. Depois da surra ou ele se compromete ou leva peia de novo.

Companheiros meus contaram que deixaram várias vezes brejeira, pedaço de tabaco. O pedaço de tabaco cortado. Eles chamam de brejeira, que é pra você botar na boca e mastigar, mascar.⁶

Percebemos, nesse caso, a concepção judaico-cristã da existência de um ser todo poderoso diante dos demais, que a tudo e a todos rege e administra, mas que na versão das matas tem vida terrena com superpoderes em relação aos seres humanos, pois quando entende que alguém cometeu algum ato ilícito para com os membros da fauna ou da flora, é o juiz que age rápido, aplicando violentas surras nos infratores na calada da noite. A noite sombria pertence aos deuses da floresta que atuam em defesa dos mais fracos, dos que padecem nas mãos do caçador desatento, relapso no que faz.

Quando o caçador abate além das necessidades, é egoísta e trabalha com cães, esses pobres auxiliares, que descobrem e imobilizam as caças facilitando o trabalho, levam surras exemplares e não se atrevem a sair do lado do dono. O *Caboclinho da Mata*, cujas referências mais conhecidas o indicam como um ser *masculino*, nesse depoimento assume uma condição de *divindade feminina e multiplicadora* ao ser tratado como *mãe*, aquela que gera em seu ventre não somente a cria de um tipo de seres, mas uma grande prole que é a floresta com todas as espécies vegetais e animais que a habitam.

Nesse caso, o seringueiro, para chegar até essa divindade, tem que ter muita coragem mesmo, ser um destemido, porque vai tratar com o ser mais poderoso da floresta que rege a vida de todos. Vem daí o entendimento apontado por Targido, que os mais experientes veteranos nas matas pagam com um pedaço de fumo a aproximação com a divindade.

Talvez a riqueza desse depoimento esteja contida na percepção subliminar, de que ele, o seringueiro, vai tratar com uma mãe, a *Mãe da Mata* para que o favoreça “sacrificando” um de seus filhos, no caso uma filha, a seringueira, fazendo-a jorrar mais leite,

⁶ Raimundo de Barros de Mendes. Seringueiro, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri.



para que obtenha grande produtividade de borracha. Isso justifica o pedido alicerçado num pagamento antecipado de nacos de tabaco à protetora da floresta.

O mais *intrigante* é que o produto, o pedaço de tabaco, depositado some sem que ninguém veja quem o pegou. No dia seguinte já não está mais no local depositado, o *Caboclinho* aceitou a oferta e como gratidão ao seringueiro, pelo tabaco recebido, ocorrerão sangrias abundantes.

Durante todo o período de pesquisa, o que mais chamou atenção é o que acredito ser uma forma perspicaz encontrada pelas pessoas ao falarem de situações que certa moral reprova, ou até mesmo por não saberem como o mundo externo ao seu receberá determinado conteúdo que descrevem. Findam por transferirem muitos desses atos para terceiros. É claro que a cultura urbana julga as culturas locais, das matas, ribeirinhas. A cultura do outro, nessa perspectiva ocorre tratada como objeto de admiração, de desdém, enquadrada sob os mais variados prismas e preconceitos. Logo é compreensível que não se incluam como os sujeitos de tais práticas por temerem serem julgados pelas medidas do outro. No que vejo sentido em se preservarem de tais práticas.

Tratam as situações através de um sujeito oculto na terceira pessoa, do singular ou do plural. Como se eles estivessem isentos, imunes às interferências e ações pertencentes ao mundo que coabitavam. Talvez por esse entendimento, Targino diz que não acredita em nada, que não teme nada, que *não tem ciência* no que faz, mas está claro o tempo todo que acredita em *panema*, mas sabe preparar banhos de limpeza para caçar e andava armado até os dentes, com medo de onça. Eu interpreto que seu sorriso matreiro (manifesto no momento em que gravei a entrevista com ele) pode muito bem esconder algum tipo de conhecimento, que fica guardado para si. Acredito que ocorre algum temor não confessado. Talvez por isso apresentava um sorriso desconfiado, com o olhar voltado para baixo. Seu comportamento deixou-me com muitas interrogações. Diante disto e temendo constrange-lo decidi não efetuar mais nenhuma pergunta. Entendi com isto, que ali acabara as condições que nos uniam naquele diálogo.

Independente desses aspectos, Targino conhece como poucos os caminhos nas matas, bem como os seres visíveis e invisíveis, contidos na floresta. Tem astúcia para administrar cada situação relativa àquele mundo. Seus companheiros afirmam que seus conhecimentos e experiências na lida com a mata foram úteis ao Sindicato dos Trabalha-



dores Rurais de Xapuri, para organizar a resistência dos seringueiros contra os fazendeiros. Ele atravessava de um lado para o outro na mata sem ser visto por ninguém. Levava mensagem, avisava os companheiros, atalhava, saía noutra canto. Por isso todos o respeitavam dentro do sindicato pela sua capacidade de atuar nessas circunstâncias. Aqui aparece a experiência de Targino. Mas seus companheiros evitam falar o que sabem a respeito das lutas contra os fazendeiros. Não aceitando registrar em depoimento gravado, no contexto desta pesquisa, o que julgam inadequado divulgar. O certo é que afirmam *vagamente*, com tom de voz mais baixo que o convencional, com uma das mãos meio tampando a boca, como se estivessem *escondendo* algo, ou criando um anteparo para não serem ouvidos no que dizem. Faz sentido se preservarem de revelar determinados detalhes das lutas do passado, visto que muitos jagunços e patrões ainda estão vivos, em liberdade, transitando livremente no Acre, sem que tivessem de pagar por seus crimes. E contra esses não há como defender-se, mesmo recorrendo ao Caboclinho da Mata. Ele não efetua intermediações na relação humano-humano, em suas disputas terrenas, onde impera a ganância de poderosos. Não age nesses conflitos, ainda que solicitado a proteger seringueiros que enfrentam latifundiários que querem destruir a floresta.

Entrevistas:

Adriano Maciel da Silva – 63 anos. Ex-seringueiro, comerciante na cidade de Xapuri (Relato Gravado em 15/07/1999).

Carmelita Veloso da Costa, 79 anos, viúva, mãe de cinco filhos. Aposentada e dona de uma pensão na Cidade de Xapuri (Entrevista gravada em 16/07/1999).

Luiz Targino de Oliveira – 67 anos, seringueiro aposentado (o relato ocorreu no dia 24/01/2001).

Raimundo Mendes de Barros – Seringueiro, Presidente do Sindicato do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri e Vereador no quarto mandato pelo PT (Efetuamos duas gravações: uma 19/01/2001 e outra em 27/01/2001).

Referências Bibliográficas:

BOFF, Leonardo. **Ecologia, grito da terra, grito dos pobres**. 3º ed. São Paulo: Ática, 1999.



EMPERAIRE, Laure; MITJA, Danielle. “Bertholletia excelsa, uma espécie de múltiplas inserções”. In: EMPERAIRE, Laure (ed. científica). **A floresta em jogo** – o extrativismo na Amazônia ocidental. São Paulo: UNESP/IOSP/IRD, 2000.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

LEACH, Edmund. “*Natureza/cultura*”. In: **Enciclopédia Einaldi**. Volume 5: Anthropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.

MORÁN, Emilio F. **A Ecologia Humana das populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

WYLLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. II Parte: Teoria Cultural.

Recebida em 16 de novembro de 2017

Aprovada em 07 de março de 2018